

**INTELECTUAIS, POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL
UMA HOMENAGEM AO PROFESSOR ANTÔNIO CARLOS PEIXOTO:
ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES**

Julian Brito

Tádzio Peters Coelho

Heloísa Lobo

Recebido em: junho de 2013
Aceito em: dezembro de 2013

Para citar este artigo:

BRITO, Julian; COELHO, Tádzio; LOBO, Heloísa. Entrevista com o professor José Augusto Rodrigues. Intelectuais, política e Ciências Sociais no Brasil Uma homenagem ao professor Antonio Carlos Peixoto. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 4, no1, p. 180-189. DOI: 10.12957/intratextos.2013.8518

Apresentação

Em entrevista gentilmente concedida à Revista Intratextos, o professor José Augusto Rodrigues, do departamento de Ciências Sociais da UERJ, fala da trajetória intelectual e política do falecido professor da UERJ Antonio Carlos Peixoto¹.

Durante o XI Seminário dos Alunos do PPCIS (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ), foi realizada uma homenagem ao falecido professor Antônio Carlos Peixoto, que integrava a pós-graduação em Ciências Sociais e em Relações Internacionais. A homenagem consistiu em uma palestra deferida pelo professor José Augusto Rodrigues, colega de longa data de do professor Peixoto, como era carinhosamente conhecido pelos alunos. Seguindo a orientação deste volume da Revista Intratextos, dedicada ao XI Seminário dos Alunos do PPCIS, realizamos uma entrevista com o professor José Augusto tendo como tema a vida e a obra de Antônio Carlos Peixoto.

Antônio Carlos Peixoto graduou-se em História pela Universidade do Brasil (1964), fez mestrado em Ciência Política - *University of Essex* (1974) - e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Além da UERJ, foi professor e pesquisador da ENSP- França no período de 1976/1985, do Instituto de América Latina - Paris no período de 1976/1984, do IUPERJ, do Instituto de Economia da UFRJ e diretor do Instituto de Relações Internacionais da PUC- Rio.

José Augusto Rodrigues é professor assistente do Departamento de Ciências Sociais da UERJ e pesquisador do Laboratório de Análise da Violência (LAV-UERJ). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979) e mestrado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1993).

Intratextos: Quando o senhor conheceu o professor Peixoto?

José Augusto Rodrigues: Eu entrei aqui [UERJ] em 1989 para um curso, no momento em que o reitor era o professor Ivo Barbieri, era um momento de grande renovação da universidade. No bojo deste processo de reestruturação pelo qual a universidade estava passando no final dos anos 1980, o professor Antonio Carlos Peixoto foi transferido de um centro de pesquisas que existia aqui dentro da UERJ, chamado ISEB (Instituto de Estudos

¹ Entrevista concedida no dia 20/05/2013 aos estudantes do PPCIS: Heloisa Lobo, Julian Brito e Tádzio Coelho.

Brasileiros), e aí veio para o departamento de Ciências Sociais. Ele sempre foi uma figura muito dada à sociabilidade, e nós rapidamente nos tornamos muito próximos, conversávamos muito, partilhávamos um passado marxista comum, discutíamos muito sobre isso. Eu ainda era um rapaz bem novo, tinha 32 anos, e me fascinava muito em conversar com um homem que tinha vivido momentos decisivos da história, não só do pensamento e da reflexão crítica da esquerda sobre o Brasil e a América Latina, mas também era um militante político que viveu as experiências práticas dos embates políticos fundamentais nos quais os comunistas estiveram envolvidos ao longo do pré-1964, e particularmente do processo de resistência à ditadura militar.

Foi preso político, torturado, exilado, quer dizer era uma figura que aliava uma erudição absolutamente privilegiada; estou falando de erudição e não de qualificação acadêmica, apesar de ele ter uma qualificação acadêmica como poucos, talvez ele tenha sido um dos mais importantes conhecedores, em determinado momento até formulador, do pensamento político latino-americano; ele não era apenas o que se chama de *scholar*, não era exatamente um acadêmico, um professor universitário limitado ao conhecimento de sua área de especialização, ele tinha um domínio colossal de sua área, mas ele era antes de tudo um erudito, um homem interessado em literatura, na história da arte, no pensamento social em geral, nas questões de cultura como um todo. E evidentemente a convivência com uma figura como essa, que conheceu a história, que viveu a história por dentro, e ao mesmo tempo era um erudito capaz de lembrar trechos de Camões de cor, ele tinha uma memória privilegiada.

Intratextos: Professor, você conhece as condições em que ele foi preso e exilado a partir do golpe de 1964?

J.A.R. Ele nunca dedicou muito tempo para falar do tempo de clandestinidade em São Paulo ou do tempo em que passou aqui no DOI-CODI na (rua) Barão de Mesquita². Ele falava da famosa experiência da chegada no cárcere em que o único direito que lhe era dado, na primeira noite como preso, era escolher se passaria a noite em uma cela com um jacaré ou uma jiboia. Ele escolheu o jacaré, que é um animal quieto e foi uma boa escolha, o animal não fez nenhum mal a ele.

Ele esteve preso ao longo dos anos 1970, sendo que a partir do AI-5 (1968) ele foi viver em São Paulo na clandestinidade. Era uma vida dura, muito difícil, porque você não

² Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna. Funcionava no Quartel do 1º Batalhão da Polícia do Exército, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Era a seção de inteligência e repressão do regime militar.

podia ter sociabilidade, não podia conhecer pessoas, porque se conhecesse você deveria mentir seu nome, onde morava. A clandestinidade é muito difícil, ela pode ter um toque “romântico” *a posteriori*, enquanto está sendo vivida ela é muito massacrante ao indivíduo, que vive submetido a um sistema de desconfiança perpétua a tudo e a todos. Ou seja, os encontros que as pessoas tinham, na verdade, eram pontos marcados onde algumas palavras eram trocadas, informações eram transmitidas e rapidamente as pessoas se afastavam; as pessoas estavam permanentemente se preparando para o momento em que iam cair; e partir daí, quando caíam, tentar conseguir honrar o compromisso das 24h, que é o tempo necessário para que a organização tome as medidas necessárias de reconhecimento de que a pessoa caiu e de que alguns aparelhos sejam desativados, alguns esquemas de pontos sejam refeitos. Era uma vida muito difícil, e ele era um homem que acima de tudo amou amizade, amou a vida e até por isso não falava muito sobre o período de clandestinidade, de tortura, de vida solitária; momentos evidentemente terríveis.

Ele relatou como foi a transferência de São Paulo para o Rio: ele vinha de camburão e toda hora eles [policiais] paravam, entravam em um desvio em uma estrada rural, botavam ele pra fora do carro e fingiam que ia ocorrer uma execução, fizeram isso repetidas vezes. Chegou um momento em que ele já não aguentava mais, e disse ao policial que se era para matar era melhor matar logo, ele já não aguentava “morrer” tantas vezes. Essas experiências da clandestinidade e da prisão em condições de total desrespeito aos direitos mínimos dos presos foi uma parte provavelmente mais traumatizante, mais dramática da história de vida dele.

Intratextos: O professor Antonio Carlos era famoso pelo seu habito de fumar um cigarro francês. Este foi um habito adquirido no exílio? Como foi o exílio na França? Ele teve contatos com os intelectuais franceses?

J.A.R. Era um hábito de exílio. O “*Gauloises*” [cigarro] tem uma história que já se perdeu. Assim como a geração de 1970 buscou uma identificação com os de baixo adotando a calça jeans dos trabalhadores manuais como roupa de uso cotidiano, então o jeans foi para a geração de 1970 um gesto político de identificação com os setores subalternizados. Para a esquerda francesa dos anos 50 até início dos anos 70, o “*Gauloises*” sem filtro, que é um cigarro proletário, também denotava um movimento político de aproximação com os de baixo; era uma forma de você criar um símbolo de proximidade, de identidade; evidente que este símbolo de identidade hoje é um elo perdido, as pessoas não fumam mais, nem sabem o

que é o “Gauloises”. É uma parte da história específica da esquerda francesa, da sua vida cotidiana, que se perdeu.

Evidentemente chegando lá ele se vinculou ao PCF (Partido Comunista Francês), na seção de mão de obra imigrante (uma seção daquele partido), e apesar de se ligar a este partido na França, ele se manteve como um importante redator de alguns documentos do PCB (Partido Comunista Brasileiro). A relação dele com a intelectualidade francesa foi uma coisa que foi se aprofundando ao longo do tempo, uma vez que ele foi trabalhar no *Institute de Sciences Politiques*, que era um centro de estudos de Ciência Política importante na França, conhecendo pessoalmente figuras do calibre e da importância de Raymond Aron, que inclusive o aconselhou a não voltar para o Brasil; além disso, trabalhou como assessor na montagem da Universidade de Argel (Argélia).

Intratextos: Quando ele retorna ao Brasil?

J.A.R. O retorno definitivo dele foi em 1980. Evidentemente, ele teve uma relação bastante conturbada com o Comitê Central do PCB, uma relação que foi se esgarçando cada vez mais.

Intratextos: Quais as razões pelas quais esta relação foi se esgarçando?

J.A.R. Ao longo do tempo, seja o stalinismo, sejam os regimes de força da Europa Oriental – as chamadas ditaduras do proletariado – foram se tornando cada vez menos sustentáveis politicamente e intelectualmente. A partir dos anos 1970, o marxismo começa a perder influência entre os intelectuais europeus. Do ponto de vista político e intelectual, Antonio Carlos esteve sempre alinhado a determinados intelectuais comunistas como Luiz Werneck Vianna e Carlos Nelson Coutinho, que colocavam dentro do PCB a questão da democracia e da necessidade de repensar caminhos novos seja para a organização interna dos Partidos Comunistas, seja para o próprio projeto socialista de sociedade. Internamente, eles já percebiam claramente que aquelas sociedades que viviam sob a órbita de Moscou eram sociedades inviáveis, que a sociedade soviética também era inviável do ponto de vista da sua organização interna, tanto que quando Gorbachov tentou a auto-reforma³, esta levou à dissolução da União Soviética.

³ A partir de 1985 o então líder da antiga União Soviética Mikhail Gorbachov iniciava as reformas que ficaram conhecidas como *Perestroika e Glasnost*.

Intratextos: Isso pode nos remeter ao filme As invasões Bárbaras...

J.A.R. Acho que sim. Ele foi comunista até o momento que isto fez sentido, apesar de ter se mantido um homem de esquerda. A partir de um determinado momento só restou a ele a ruptura com o partido, ele já não podia continuar sendo um importante redator de documentos políticos de um partido se ele já não concordava mais com a linha que o Comitê Central do partido pretendia impor à organização. Acho que tem a ver até com “As invasões bárbaras” porque a história de vida dele também é, seguramente, a história da grande desilusão de toda uma geração de intelectuais de esquerda brasileiros, latino-americanos e europeus também. Se bem que os europeus já se desiludiram mais cedo que os latino-americanos. Mas sem sombra de dúvidas é a história de vida dele, e pode ser tida como paradigmática da história dessa grande desilusão dos intelectuais com a utopia marxista que dominou o século XX.

Intratextos: O professor Peixoto foi militante do PCB e esteve exilado durante boa parte da ditadura civil-militar. Nos anos 80, ele retorna ao Brasil ingressando no posto de professor da PUC-RJ e do antigo IUPERJ. Paralelamente a isso, as Ciências Sociais latino-americanas passaram por um período de intensa transformação durante o final do século XX, quando o cientista social em geral passa de um profundo engajamento político para uma situação de profissionalização acadêmica. Como o Senhor enxerga este processo tendo em vista a trajetória do Antonio Carlos?

J.A.R. Eu diria que ele assistiu essa transição porque ele nunca chegou a participar, vamos dizer assim, ativamente dela no sentido de que era um intelectual e mesmo se tornando professor universitário, ele continuou a ter a postura, a atitude de um intelectual. Não era exatamente um homem que se enquadrasse, que se subordinasse aos processos de institucionalização das Ciências Sociais que transcorreram no Brasil a partir da metade dos anos 70 e que se intensificaram nos anos 80. Ele sempre foi um intelectual, mesmo participando e se encaixando na medida do que era necessário a esse novo modelo de organização da vida do espírito. Agora, ele nunca chegou a ser, a se transformar, num *scholar*. Ele tem uma produção intelectual. Ele orientou muita gente. Foi professor brilhante, mas apesar de tudo isso, ele nunca poderia ser classificado como um *scholar*.

Recentemente falecido, o professor Gilberto Velho talvez seja [um *scholar*], para fazer um contraponto para você entender melhor. O professor Gilberto Velho é o próprio arquétipo do *scholar*, um homem voltado fundamentalmente à formação de instituições de reprodução das Ciências Sociais como disciplinas acadêmicas, vamos dizer assim, reconhecidas como

áreas científicas dentro do esquema taxonômico da universidade e da hierarquia dos saberes. Esse homem, assim, ele nunca foi. Acho que no sentido mais tradicional da palavra, ele sempre foi um intelectual. Um intelectual que precisava sobreviver e sobrevivia dentro da universidade. Eu diria, um intelectual sobrevivendo dentro da universidade onde um processo de institucionalização das Ciências Sociais estava em curso. Ele sempre foi um indisciplinado, né!? Acho que ele era rebelde demais pra se adequar a esse processo de institucionalização das Ciências Sociais, que é um processo de compartimentação das áreas de conhecimento, da profissionalização, da dedicação ao trabalho como uma espécie de carreira.

Ou seja, ele até o final da vida se orientou por um sistema de coordenadas valorativas muito diferentes. Ele sempre foi um homem ligado à vida pública, às questões da república; nunca abriu mão quando a oportunidade se apresentava, participava da vida pública, era filiado ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) e tinha vida partidária. Quer dizer, ele nunca se enquadrou muito perfeitamente nesse esquema mais asséptico do *scholar*, sujeito que vive e respira a universidade, seus programas e hierarquias daí decorrentes. Sem nenhum demérito em relação à institucionalização das Ciências Sociais porque isso é um processo irreversível, inevitável; é a condição na qual nós, desse tempo presente, temos pra praticar as Ciências Sociais.

Intratextos: Na palestra o senhor comentou que os alunos não compreendiam algumas "brincadeiras" feitas pelo professor Antonio Carlos em sala de aula. Gostaria que falasse mais sobre isso.

J.A.R. Às vezes ele se portava como um reacionário. Era o divertimento favorito dele. Cada vez que ele levava um jovem de esquerda à ira, ele voltava da sala assim com a alma lavada (risos). O Veríssimo (Luis Fernando Veríssimo) uma vez disse que deviam inventar, porque tem o ponto de interrogação e o ponto de exclamação, deviam inventar uma pontuação pra ironia (Risos). Pedido que o Veríssimo fez uma vez aos gramáticos, que eles inventassem uma pontuação para a ironia, para que o sujeito, depois de ter lido, entendesse: “Isso é uma ironia”. Mas ele era sujeito com um senso de humor muito aguçado e um dos divertimentos favoritos dele, sem sombra de dúvida, era irritar. Irritar as pessoas de esquerda, irritar as feministas, irritar as pessoas.

As pessoas que não o conheciam, inclusive imaginavam que ele era um indivíduo de direita, ligado as formas mais sórdidas de reação, pelas coisas que ele dizia. Dizia só pra provocar, para ver se o sujeito entrava na pilha, e sempre entrava e ele se divertia muito com

isso. Ele voltava pra sala exultante, achando graça do que tinha feito: “consegui mais uma vez”.

Mas independentemente desse lado irônico, provocador, ele era um grande professor porque era um erudito. Na verdade, ele não dava aula, ele fazia conferências. As aulas dele não eram baseadas em livro-texto; por que nós somos um pouco viciados nesse sistema de seminário, é da página tal a página tal, vamos discutir três ou quatro conceitos que estão contidos em tal livro. O esquema de trabalho dele não tinha nada a ver com isso. Ele pedia aos alunos que ao longo do curso lessem determinados livros e ele, circunscrito a problemática que esses livros definiam, saía falando. Era uma fala autoral. Não era, mais uma vez, a fala do *scholar* que se escora, às vezes um tanto quanto excessivamente na sua literatura de apoio. Era uma fala mais autoral, mais autônoma, mais segura de si; as pessoas que chegaram a fazer curso com ele ficavam impressionadas com a quantidade de informação e habilidade verbal que ele tinha.

Intratextos: Uma coisa que chamava atenção era o conhecimento profundo que ele tinha de teoria política e literatura latino-americana. E tendo em vista que o Brasil sempre pareceu estar de costas para essa produção da América espanhola, de que forma você acha que ele contribuiu para formar uma Ciência Social genuinamente latino-americana?

J.A.R. Eu acho que ele não acreditaria na ideia de uma Ciência Social genuinamente latino-americana. Eu acho que ele talvez visse com mais simpatia a ideia de um pensamento social latino-americano que se formasse a partir da diversidade das sociedades que existem na América Latina e um diálogo entre essas diversas facetas, diversos subcontinentes de que é formada a América Latina. Agora, lamentavelmente ele não deixou discípulos. Lamentavelmente, apesar de ter produzido alguns textos importantes sobre o pensamento latino-americano, esses textos são difíceis de serem encontrados hoje e o mais triste de tudo é que seja tão rala na universidade brasileira essa disposição de conhecer a América Latina, de conhecer o pensamento latino-americano, de se abrir para o resto do continente. Mais uma vez, ele é um tipo um pouco *avis* rara, quer dizer, alguém preocupado em entender a América Latina, conhecer os pensadores latino-americanos e reconhecer a diversidade de mundos, de culturas e de tradições políticas que contém isso que a gente às vezes apressadamente chama de América Latina. Como se você tivesse sociedades homogêneas, comparáveis entre si, o que não é verdade. Mas eu acho que ele é um contraponto a essa tendência da academia brasileira a viver de costas pra América Latina. Isso é indiscutível.

Intratextos: No atual contexto em que surge uma série de iniciativas e comissões alusivas às violações cometidas durante o regime civil-militar, de que forma a trajetória do prof. Peixoto pode colaborar no resgate da memória e da verdade histórica? De que maneira a contribuição do professor Peixoto está ligada a isso?

J.A.R. Caso fosse vivo, ele poderia relatar as brutalidades que ele sofreu quando foi prisioneiro do regime. Eu acho que a ideia da Comissão da Verdade é bem empírica, até onde eu consigo entender. A ideia é reconstruir os procedimentos, as pessoas envolvidas nesses procedimentos e no caso daqueles que morreram, aonde foram enterrados, dar à família um atestado de óbito ou se possível dar à família o direito de um enterro de verdade. Eu acho que no caso da Comissão da Verdade não se trata da possibilidade de alguém dar uma contribuição intelectual a esse processo, porque não é uma questão intelectual que está em jogo. O que está em jogo é uma questão que é simultaneamente existencial e política. Existencial no sentido de dar às famílias que perderam seus entes, seus membros, alguma informação sobre em que circunstâncias essas pessoas morreram, se possível saber onde é que os corpos estão enterrados, um esclarecimento sobre o que aconteceu que acabe com essa categoria absurda de “desaparecido”. As pessoas não desapareceram, as pessoas foram mortas e enterradas em algum lugar, jogadas no mar ou sabe-se lá o quê. A função da Comissão da Verdade é esclarecer quem, aonde e como. O porquê não, o porquê todos sabem! Mas o como, aonde e quando, acho que isso é importante, e também o quem. Porque embora a lei da Anistia preveja uma anistia mútua, o peso moral da tortura, esse não consta da lei da Anistia. Quem torturou quem, por ordem de quem. Quer dizer, essas questões beiram o político e o existencial, porque é como se quem foi vítima da ditadura tivesse a sua vitimização reconhecida e formalizada.

Evidentemente, uma comissão como essa também tem um caráter político importante, porque você está explicitando que durante um determinado período da história o Estado brasileiro agiu fora da lei, prendendo e matando pessoas, quer dizer, que o Estado brasileiro agiu, vamos dizer assim, contra a ordem legal estabelecida. E também, em alguns casos, mostrando que a versão de que os militares fizeram isso tudo sozinhos, contra essa entidade santificada chamada sociedade civil, é um discurso pra órfão em noite de Natal. Provavelmente no relatório final da Comissão da Verdade, as relações entre o aparato militar e, pelo menos no início do processo de combate aos grupos de resistência armada, a participação dos empresários nisso vai ficar muito explícita.

Mas, lamentavelmente, a sociedade brasileira se mobiliza muito pouco em torno dessas discussões, temos uma noção de tempo que nos é muito peculiar. Por mais que exista algum esforço no sentido de mobilizar as pessoas a discutirem os depoimentos, a discutirem o que foi essa experiência de exceção, que foi o regime militar, eu não sinto nem as forças políticas e nem a intelectualidade em geral muito mobilizada em torno da discussão dessa experiência, ao contrário, por exemplo, de países como Argentina ou Chile onde essa discussão é sempre presente. Acho que a contribuição que ele poderia dar à Comissão da Verdade seria contar a experiência de vida dele, o que ele sofreu nas mãos do regime militar.